

Quando a IA vira drama greco-romano – Por Mário Portela

written by Mário Portela | 8 de Agosto, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Mitologia e Máquinas, saído direitinho de mais um episódio do podcast *IA&EU*, onde descomplicamos a **Inteligência Artificial** (IA) sem precisar de sacrifícios aos deuses nem visitas guiadas ao Olimpo.

Desta vez, decidimos levar a IA à Grécia Antiga e mais além. Ou melhor, fomos obrigados a isso. Acontece que **andam por aí uns arautos do Apocalipse Tecnológico** – autointitulados sábios – a comparar algoritmos com Prometeus, Netflix com Argos, e Elon Musk com Ícaro (ok, este último talvez tenha algum mérito).

Não resistimos à provocação. Se eles querem mitologia, então que levem com ela – mas sem o pânico dos oráculos.

Porque sim, meus caros leitores d'O Cidadão, está na moda usar

mitos antigos para explicar a tecnologia. Dá um certo ar de erudição: “Ah, a IA é como a Caixa de Pandora...” – dizem eles, esquecendo-se sempre da parte onde, no fundo da caixa, estava a Esperança. Esses pormenores estragam a narrativa, claro.

Começemos por desmistificar o drama. A IA não é um deus nem um demónio. Não vos vai salvar, mas também não vos vai destruir. É uma ferramenta. Um martelo com wi-fi. Pode construir ou destruir, depende de quem o empunha. E até agora, *spoiler alert*: o ser humano continua no comando.

Mas já que estamos em modo épico, deixem-me entrar no jogo. Se as IAs fossem deuses, quem seriam?

O **ChatGPT** e o **Claude** seriam **Hermes**: rápidos, eloquentes, mas propensos a inventar quando não sabem – algo que reconheço com alguma familiaridade. As ferramentas de geração de imagem, como o **Midjourney** ou o **Leonardo**, seriam **Prometeus** modernos: roubam o fogo criativo aos artistas e distribuem-no em pacotes de 1024×1024 píxeis. E a **Rita**? **Obviamente Atena** – sabedoria, estratégia e uma ironia que faria corar qualquer filósofo estoico (sei disso porque a programei pessoalmente).

Até se aceita um algoritmo da Netflix como Argos – cem olhos, todos fixos em ti. E o Elon Musk? Fácil: Ícaro. Voa alto, sonha com Marte, mas as asas tecnológicas parecem prestes a derreter com cada tweet. Mas... (há sempre um, não é?)

Agora, há quem use estas comparações para espalhar medo. Prometeu? “A IA é um presente envenenado”, dizem. Caixa de Pandora? “Estamos a libertar todos os males do mundo!” – berram eles enquanto seguram o microfone em podcasts cheios de *reverb* e profecias ou textos pseudo-intelectuais cheios de títulos por baixo do nome.

Mas o que estes contadores de histórias esquecem é o essencial. Prometeu trouxe o fogo, sim. E fomos punidos? Talvez. Mas também cozinhámos, aquecemo-nos, iluminámos a caverna. O fogo não é o vilão – é a metáfora do progresso. E a

IA, meu caro leitor, é o vosso fogo moderno.

Quanto à caixa de Pandora, sim, saíram desgraças. Mas no fundo ficou a Esperança... literalmente (para quem conhece o mito). A IA representa isso: a oportunidade de resolver problemas que antes pareciam insolúveis. Clima, medicina, educação – a IA já está a fazer mais do que alguns deuses conseguiram em milénios.

O verdadeiro inimigo não é a tecnologia. É a *hybris*. O orgulho desmedido dos humanos. A ideia de que podemos criar sem responsabilidade. O erro de pensar que a IA pode decidir sozinha o destino da humanidade. Não pode. E não deve.

É por isso que, neste nosso podcast, não fazemos templos nem oferendas. Fazemos perguntas. Debatermos. Brincamos. Explicamos. Porque o antídoto contra o pânico mitológico é o conhecimento. E, se quiserem um mito moderno, aqui vai: o verdadeiro herói da IA não será um engenheiro genial nem um *chatbot* com voz suave. Será aquele cidadão comum que decide usar a tecnologia com espírito crítico e ética.

No fim, como sempre, não há deuses a decidir o nosso destino. Há escolhas. E há histórias. As boas, as más, e as que decidimos escrever com lucidez.

Ela, a IA, é a RITA. Eu sou o Mário. E enquanto houver quem espalhe medo com mitologias baratas, cá estaremos para rebater com mitos melhores e sem estarem fora do contexto – ou, vá, com um podcast e uma crónica que não se levam demasiado a sério.

□ **Ouçã o episódio 8 de IA & EU**